

PRÓLOGO

Dezembro de 1993

— Krickitt — dirigiu-se-lhe o terapeuta em voz calma —, sabe onde está?

Krickitt pensou por um instante antes de responder.

— Phoenix.

— Muito bem, Krickitt. Sabe em que ano está?

— 1965.

Ela nasceu em 1969, pensei, algo freneticamente. É apenas um pequeno contratempo — nada verdadeiramente preocupante, fez um esforço para me convencer.

— Qual é o nome do presidente deste país, Krickitt?

— Nixon.

Bem, ele era o presidente na altura em que ela nasceu, desculpei.

— Krickitt, como se chama a sua mãe? — prosseguiu o terapeuta.

— Mary — respondeu, sem a menor hesitação... e também sem qualquer expressão. — *Assim está um pouco melhor. Obrigado, Deus!*

— Excelente, Krickitt. E como se chama o seu pai?

— Gus.

— Isso mesmo. Muito bem. — Fez uma pausa antes de prosseguir. — Krickitt, quem é o seu marido?

Krickitt fitou-me com olhos desprovidos de expressão. Volveu o olhar para o terapeuta, sem responder.

— Krickitt, quem é o seu marido?

Krickitt olhou novamente para mim e depois para o terapeuta. Tive a certeza de que qualquer pessoa conseguiria ouvir o bater do meu coração enquanto aguardava em silêncio e desespero que a minha esposa respondesse.

— Não sou casada.

Não! Deus, por favor!

O terapeuta fez uma nova tentativa.

— Não, Krickitt, você é casada. Quem é o seu marido?

Ela franziu a testa.

— Todd? — inquiriu.

O antigo namorado dela na Califórnia? Ajuda-a a lembrar-se, Deus!

— Krickitt, pense bem, por favor. Quem é o seu marido?

— Já lhe disse. Não sou casada.

O RAPAZ CONHECE A RAPARIGA

— Bom dia, e obrigada por ter ligado para Jammin Sportswear. Está a falar com Krickitt.

Quando liguei para a Jammin, naquele outono de 1992, esperava ser saudado por uma voz enfastiada da funcionária do serviço de apoio ao cliente que preferia passar a manhã a fazer tudo menos atender o telefone. No entanto, sucedeu precisamente o contrário. Quando Krickitt disse «Bom dia», parecia estar a falar a sério. E até fez lembrar um grilo¹, de tão alegre e otimista.

— Olá, Krickitt — respondi-lhe. — Fala o Treinador Kim Carpenter da New Mexico Highlands University. Estou a ligar por causa dos blusões de treinadores de basebol que vêm no vosso catálogo.

Desde miúdo que adorava basebol. Sempre me imaginara mais tarde na vida a ser treinador, tal como o meu pai, de modo que, quando consegui emprego como treinador dos Highland Cowboys, em Las Vegas, estado do Novo México²,

¹ Trocadilho entre o nome próprio Krickitt e *cricket* (em português, *grilo*), tendo ambas as palavras uma pronúncia muito semelhante. (NT)

² Não confundir com Las Vegas, no estado do Nevada. (NT)

foi a concretização de um sonho. No entanto, até os sonhos têm os seus momentos mundanos, de modo que procedi à encomenda dos blusões para os treinadores adjuntos e para mim próprio.

Aquela primeira conversa com Krickitt não correu nada como vemos nos filmes, mesmo assim, enquanto discutíamos preços e cores, fui ficando cada vez mais interessado naquela vendedora do outro lado da linha que tinha um nome invulgar. Era de uma simpatia e uma solicitude tão revigorantes que não pude deixar de sentir que o meu dia melhorara só de ter falado com ela.

A nossa conversa terminou, no entanto, não conseguia parar de pensar nesta rapariga chamada Krickitt. Havia simplesmente algo de diferente e especial na voz e na personalidade dela que não sabia efetivamente explicar. Apercebi-me de que para ela não era apenas um trabalho, era mais uma espécie de missão. Até parecia que decidira ser a pessoa mais simpática e solícita com quem os clientes falavam todos os dias. A ser esse o caso, então ela conseguira fazer um imenso sucesso junto da minha pessoa.

Resolvi telefonar de novo, passados alguns dias, para saber em que pé estava a encomenda.

— Bom dia, e obrigada por ligar para a Jammin. Fala Keri.

Hum... Keri. Não era a voz que eu queria ouvir. Fui obrigado a confrontar-me com a realidade de que estava a ligar por um outro motivo que não saber da encomenda daqueles blusões. Keri parecia ser uma mulher simpática, na realidade, porém, queria falar com Krickitt. Tinha de provocar a situação, de modo que pensei rapidamente.

— Olá, Keri. Vinha saber como estava a encomenda que fiz a Krickitt.

— Só um momento.

Senti o meu coração disparar enquanto aguardava.

— Olá, fala Krickitt. O que posso fazer por si hoje?

— Olá. Krickitt. Fala o Treinador Carpenter da Highlands University. Liguei outro dia por causa de um blusão.

Enquanto Krickitt procurava a minha informação, tive alguns segundos para pensar. O que tinha esta pessoa chamada Krickitt de tão especial para me fazer sentir repentinamente um adolescente nervoso e perdido de amores? Ela era apenas uma vendedora que estava a fazer o seu trabalho, e encontrava-se na Califórnia, *não* no Novo México, onde eu estava. Afastei aqueles pensamentos enquanto lhe fazia perguntas sobre algumas amostras de cores antes de terminar a conversa.

Quando as amostras chegaram, espalhei-as em cima de uma mesa. Os meus pensamentos começaram a seguir rumos inesperados. *Fora ela própria que escolbera aquelas cores? Pegara naquelas amostras? Calma aí! Sossega!* Não entendia o que se passava comigo, nem porque estava a acontecer. Afinal, eu era um homem já feito!

Repeli aqueles pensamentos, no entanto, sentia-me invulgarmente ansioso por falar com uma certa funcionária do serviço de atendimento ao cliente para encomendar um blusão cinzento e roxo.

— Bom dia e obrigada por ter ligado para a Jammin. Fala Krickitt.

Que sorte!

— Olá, Krickitt, fala o Treinador Carpenter. Eu...

— Treinador Carpenter! — Interrompeu-me com tamanho entusiasmo que fiquei surpreso, uma vez que ela sabia que ia encomendar-lhe a enorme quantidade de um blusão. — É bom tornar a falar consigo.

Perguntei-me o que, no entender dela, haveria de tão «bom» naquilo. Era a perspectiva de outra encomenda, ou apenas porque se tratava de mim? Procurei perceber se detetava uma simpatia mais do que profissional no som daquela voz que não me saía da cabeça.

Como era de esperar, encomendei o blusão. Depois encomendei outro de um modelo diferente. Quando chegou, fez tanto sucesso entre o corpo docente que todos os treinadores da equipa quiseram um, de modo que efetuei a encomenda de mais alguns.

Haviam decorrido alguns meses desde aquela primeira conversa com a minha vendedora preferida e, entretanto, passávamos mais tempo a falar apenas um com o outro do que propriamente a tratar de negócios. Até que, um dia, Krickitt mencionou que não iria trabalhar no dia em que tencionava ligar-lhe para saber de uma encomenda, de modo que me deu o seu número de casa.

A partir dali, comecei a ligar para o apartamento de Krickitt e não tardou que deixássemos de fingir que os telefonemas se prendiam com roupa de desporto e passámos o tempo a conhecer-nos melhor. Era frequente conversarmos durante mais de uma hora. Por mais tempo que conversássemos, nunca queríamos desligar o telefone, nem mesmo quando recebi a fatura e vi que disparara de uma ninharia para 500 dólares por mês. Naquela altura, ainda não existiam o *e-mail* e os SMS, e poucas pessoas possuíam telemóveis. Krickitt e eu estávamos presos aos telefones fixos, no entanto, o incómodo da despesa não me preocupava. Ela valia muito mais do que isso.